

## “Bananeira não dá pera e outras crônicas sobre a educação” de Acedriana Vicente Vogel. Curitiba: Piá, 2020.

Magda D. Zimmer Huf<sup>1</sup>

A educação é sempre cercada de expectativas. Queremos que a educação mude o mundo promovendo um futuro mais justo e igualitário, queremos que a educação transforme crianças carentes em adultos bem-sucedidos. Queremos muito, mas o que realmente é feito para que a educação possa cumprir o seu papel? A obra “Bananeira não dá pera e outras crônicas sobre educação”, de Acedriana Vicente Vogel, que recolhem sua longa experiência como professora e gestora de educação, começa com esse título provocativo e que nos leva a refletir sobre o querer sem agir ou agir errado. Se queremos colher frutas maduras e saborosas, precisamos investir na plantação. E as crônicas dessa autora trazem boas sementes para isso.



A obra é dividida em quatro partes: Docência, Sociedade, Família e Conexões, apresentando reflexões sobre os principais fundamentos para a educação. Na perspectiva da docência, a autora traz importantes *insights* sobre o papel docente em meio a tantas mudanças ocorridas nas últimas décadas com respeito à tecnologia, constituições familiares e educação de filhos. Utilizando mais uma metáfora da natureza, discute o papel do professor sendo “mosca” ou “abelha”. A mosca naturalmente sai em busca daquilo que há de pior para seu consumo, enquanto a abelha procura o néctar mesmo nos cenários mais obscuros.

---

<sup>1</sup>. Professora de Língua Portuguesa do Colégio Luterano São Paulo.

Nesse sentido, a autora baseia-se nas pesquisas do professor Rui Canário, da Universidade de Lisboa, para colocar como premissa que “não se pode aprender por ninguém, ou seja, a aprendizagem consiste em um trabalho que o sujeito realiza sobre si próprio, instituindo-se como recurso principal da sua própria formação” (p. 21). Para que isso ocorra, entre as qualidades de um professor está a “de fortalecer o essencial: uma cultura de ética, integridade e confiança” (p. 30), dentro de um ambiente em que não haja *bullying*, mas que produza esperança (p. 34-35). Cabe ao professor, enquanto “abelha”, promover um ambiente adequado de aprendizagem para que o melhor de cada aluno possa ser desenvolvido.

Na segunda parte, sobre a sociedade, a autora aborda os desafios da educação que queremos e, com maestria e boas metáforas, esclarece aspectos que ainda causam muitas dúvidas e questionamentos atualmente. A escola deve imitar as mídias? Deve disputar espaço com elas? Ou ainda o extremo oposto: a escola deve ser estática, pois “sempre fez assim e deu certo”?

Além de abordar essas questões, a obra traz uma reflexão sobre a disciplina na escola, tema de extensas reclamações e conflitos atuais, fazendo uma diferença entre obediência e anuência.

Na terceira parte o foco é a família. A família constitui a identidade do aluno e por isso é tão importante que esteja junto na caminhada de aprendizagem da criança. Na teia das relações familiares, a autora destaca o quanto as mídias têm influenciado esses entrelaces, ressaltando que a “solidão infantil é um mercado lucrativo” (p. 91). Além disso, enquanto pais mantêm as portas fechadas de casa, procurando segurança para os filhos, abrem as portas para o mundo por meio da internet (p. 103).

A vida no século XXI é corrida e a autora acerta em destacar o “tempo” como um dos luxos atuais: “Luxo é o tempo para fazer as coisas simples da vida, de forma intensa e especial, de maneira a deixar saudade em quem tem o privilégio de desfrutar desse tempo conosco” (p. 94). Em consequência de tudo o que foi apontado, não é clichê enfatizar que “pais presentes são luz na vida dos filhos” (p. 109).

Na parte final, a autora estabelece algumas conexões da educação com outras áreas ou aspectos. Entre eles, o problema de escolas com “síndrome de pato” (p. 125). São escolas com muitas atividades, produtos e serviços, mas que perderam o foco principal que é “estar a serviço da aprendizagem”. Atraem “clientes” com uma boa propaganda, mas “devolvem” alunos perdidos e sem o essencial de uma boa formação.

“Bananeira não dá pera” é um livro que nos ajuda a olhar para as expectativas e ações – ou falta delas – em torno da educação, convidando-nos a participar dessas reflexões logo na contracapa, onde está escrito: “Este livro está a serviço das reflexões de...”. Não é um livro para ser apenas lido, mas “ruminado” e partilhado. A própria autora nos convoca a acrescentarmos nossas experiências e histórias a ele. Com um *design* convidativo, ditados populares e metáforas sob medida, o livro nos convida ao aprendizado, seguindo as premissas mais valiosas da educação.

Recebido para publicação em 02-07-21; aceito em 21-07-21